



## **PERCEPÇÕES DE FUTUROS DOCENTES DE BIOLOGIA SOBRE A INCLUSÃO DE ALUNO COM SURDEZ**

Vanessa Negrão Rodrigues; Pabllo Antony da Silva Santos; Myckey Kenzy e Silva Gonçalves;  
Karla Cristina Furtado Nina.

*Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Pará, e-mail: [vanessanegraorodrigues@gmail.com](mailto:vanessanegraorodrigues@gmail.com)*

*Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Pará, e-mail: [antonnypablo@gmail.com](mailto:antonnypablo@gmail.com)*

*Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Pará, e-mail: [myckeygoncalves@hotmail.com](mailto:myckeygoncalves@hotmail.com)*

*Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Pará, e-mail: [karla.nina@ifpa.edu.br](mailto:karla.nina@ifpa.edu.br)*

### **INTRODUÇÃO**

A educação inclusiva vem gerando cada vez mais debates, principalmente nas últimas décadas, onde se busca formas de integrar os alunos que de alguma forma demonstram-se excluídos no ambiente escolar, tendo como enfoque àqueles com necessidades educacionais específicas. De acordo com Rodrigues (2006, p. 19) “O conceito de inclusão no âmbito específico da Educação implica, antes de mais, rejeitar, por princípio, a exclusão (presencial ou acadêmica) de qualquer aluno da comunidade escolar”.

Percebemos que ainda existe muito a ser melhorado no que se refere à educação inclusiva, especialmente quando diz respeito à educação de crianças e adolescentes surdas. Mas para tanto, um fator fundamental para a efetivação deste conceito é a formação adequada e contínua do professor (Sant’ana, 2005).

Quando se fala em formação adequada vale salientar que as experiências obtidas durante o período de formação docente é de fundamental importância para futuramente tornar-se um profissional mais bem preparado para interagir com a heterogeneidade encontrada no ambiente escolar sabendo lidar da forma adequada e com recursos metodológicos específicos. Nunes (2001, p. 27) afirma que o docente em formação constrói e reconstrói seus conhecimentos conforme a necessidade de utilização dos mesmos, suas experiências e seus percursos formativos, por tanto,



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

quanto maior e melhor for o contato com o futuro ambiente de trabalho maior será a possibilidade de ele estar mais preparado.

De acordo com dados estatísticos do IBGE (2010), 830 pessoas em todo o Brasil são surdas, 4.829 possuem uma grande deficiência auditiva e 22.646 possuem alguma dificuldade auditiva. Tendo em vista esses dados, às chances de futuramente recebermos em nossas salas de aula, alunos que tenham deficiência auditiva é grande, e como futuros docentes, sentimos a necessidade de estar mais preparados para lidar com essa necessidade educacional específica.

A opção por pesquisar esta temática foi em virtude do desafio frente a um trabalho de apoio à inclusão como futuros professores. A experiência vivenciada nos trouxe a sensação de impotência, ao ver professores insatisfeitos e despreparados para lidar com essa clientela. Eles alegam a problemática de lidar com algo inteiramente novo e citam, como fato relevante, o uso de uma linguagem de difícil comunicação. Isso evidencia a necessidade de formação inicial e continuada para um trabalho efetivo com alunos inclusos.

O presente trabalho objetivou relatar de forma crítica-reflexiva a vivência no espaço escolar da rotina de um aluno surdo, bem como verificar as metodologias utilizadas pelas professoras da sala de aula regular e da sala de recursos multifuncionais.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, de abordagem qualitativa, realizado por três alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – Campus Abaetetuba. O lócus de pesquisa foi uma escola da rede Estadual de Ensino Fundamental e Médio, localizada no município de Abaetetuba-PA, onde estudam 1.074 pessoas, sendo que 63 possuem algum tipo de deficiência, dentre essas, 38 são deficientes auditivos. Participaram da pesquisa um aluno do 1º ano do ensino médio, a professora da disciplina Biologia que atua na sala de aula regular e a professora da sala de recursos multifuncionais.

A pesquisa ocorreu em 10 visitas semanais à escola, no período de agosto a outubro de 2015, com acompanhamento do aluno em sala de aula regular e na sala de recursos multifuncionais. Ao término das visitas foram coletados os dados da pesquisa através de uma entrevista semiestruturada, analisados a partir das temáticas: inclusão do aluno com surdez, adequação



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

metodológica, importância da sala de recursos multifuncionais e formação docente. Neste tipo de entrevista, o entrevistador tem um conjunto de questões predefinidas, mas mantém liberdade para colocar outras cujo interesse surja no decorrer da entrevista.

Na primeira visita à escola foi feita apresentação da equipe e a exposição da intenção da pesquisa para o diretor da escola, o qual concordou que a pesquisa fosse realizada no local. Nesse primeiro momento, fomos apresentados à professora da sala de recursos que concordou em participar da pesquisa e por ela nos foi apontada uma lista de alunos que possuíam deficiência auditiva. Em seguida, realizamos um sorteio para a escolha do aluno que iríamos observar e entrevistar. Após a escolha do participante recebemos informações sobre ele, como: série/ano, dias e horário que frequenta a sala de recursos e tempo que estuda na escola.

A segunda, quarta e sexta visita serviram para a observação do aluno com surdez em sala de aula e tudo que foi considerado relevante foi registrado em caderno de campo. Essa observação ocorreu sem que o aluno ou a professora soubessem o real motivo de nossa presença no espaço escolar para que não houvesse interferência nas conclusões que tiraríamos acerca do que foi observado.

A terceira, quinta, sétima e oitava visita tiveram por objetivo o acompanhamento do aluno na sala de recursos, para ser observado como ocorre esse acompanhamento e as tarefas que ele realiza durante esse momento. A sétima visita, não ocorreu como previsto, pois a professora da sala de recursos esteve ausente da escola no dia programado.

A nona e a décima visita tiveram o intuito de explicar à professora de biologia da turma regular de ensino e para o aluno, separadamente, o que motivou a nossa visita à escola, foi perguntado a eles se concordavam em participar da pesquisa e se poderiam nos conceder uma entrevista. Mediante o aceite de ambos, partimos para realização das entrevistas semiestruturadas. Na nona visita foi realizada a entrevista com o aluno, por intermédio da professora da sala de recursos, e na décima com as professoras de Biologia e da sala de recursos multifuncionais.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A partir da observação e das entrevistas realizadas com o aluno e as professoras de biologia e da sala de recursos pontuamos alguns aspectos que serão apresentados e discutidos, a seguir:



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

O primeiro aspecto abordado foi o que diz respeito à inclusão do aluno com surdez em sala de aula. Com a observação pode-se constatar que não houve uma boa interação entre a professora e o aluno, pois ela não possui domínio da língua brasileira de sinais (LIBRAS), então usa uma “linguagem própria”, através do improvisado, para se comunicar com ele e isso ocorre depois dela já ter explicado o assunto para o restante da turma o que demonstra uma segregação no ensino, contudo, tanto a professora quanto o aluno em resposta a entrevista disseram que acreditam que ele esteja incluso no âmbito escolar. Quando questionada sobre a inclusão do aluno, a professora nos disse: “ele tem o grupinho de amigos mais próximo assim como os demais alunos, então acredito que ele está incluído sim”. Apesar de estar presente fisicamente, quando o aluno surdo passa a não ser considerado em muitos aspectos cria-se uma falsa imagem de que a inclusão é um sucesso (Lacerda, 2006). Logo, para que a inclusão ocorra faz-se necessário que tenha oportunidade para que o aluno possa participar do processo educativo de forma ativa e não apenas como espectador, o que infelizmente não foi observado nesta pesquisa.

Outro aspecto importante que foi observado é a inadequação das metodologias para se trabalhar com esse aluno, pois a professora apenas escreve ao quadro e depois explica o assunto, e quando questionado o estudante relatou que: “Podia ter umas aulas mais legais” e a professora confirmou que o uso de estratégias metodológicas diferenciadas é algo que não acontece com frequência, pois segundo ela: “trazer algo novo requer tempo de preparo e acaba que com tantas turmas, trabalhos e provas fico aquém nesse aspecto”. De acordo com Oliveira e Campos (2005) o princípio de inclusão deve fundamentar a prática pedagógica, resgatando a possibilidade de determinados educandos que, independentemente de suas condições, têm direito às mesmas oportunidades de realização de seu potencial psicossocial, o que não acontece ambiente em que foi realizada a pesquisa, pois em momento algum o aluno foi estimulado a ser participativo.

O terceiro ponto relevante é a importância da sala de recursos multifuncionais para o processo de aprendizagem desse aluno, segundo a professora de biologia “a sala de recursos é muito importante para que ele possa complementar o seu aprendizado”, relato semelhante ao da professora da sala de recursos que contatou que “é muito importante o atendimento desse aluno na sala de recursos, pois assim ele consegue entender melhor o assunto” o que fica confirmado pelo relato do aluno que quando indagado sobre a importância da sala de recursos nos disse “é muito importante, pois eu aprendo muita coisa lá”. De acordo com o art. 2º da Resolução 04/2009 CNE-CEB:

O AEE tem como função complementar ou suplementar a formação do aluno por meio da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem.  
(BRASIL, p.1)

De fato o Atendimento Educacional Especializado realizado na sala de recursos mostrou-se de fundamental importância para o aprendizado do aluno, no entanto, ao invés dele ser um complemento para o ensino já repassado, em alguns momentos ele demonstrou ser bem mais, pois o aluno chega para o atendimento com pouco conhecimento do que foi repassado em sala de aula e fica a cargo da professora da sala de recursos fazê-lo compreender os assuntos.

A falta de preparo dos professores na universidade pode ser um dos motivos que fazem com que esse aluno não consiga ter êxito total no seu aprendizado, pois há uma forte relação entre dificuldade de inclusão e defasagem na formação para prática educacionais inclusiva (Mallmann et. Al., 2014) essa informação pode ser confirmada pelo relato da professora de Biologia que quando questionada se recebeu preparo adequado durante a formação acadêmica nos disse: “Não, na verdade, a formação acadêmica é falha em vários aspectos, desde a forma como nos ensinam, pois não saímos preparados para ensinar, saímos com vários conhecimentos e temos que aprender a conduzi-los até a parte de lidar com as dificuldades da sala de aula”.

Logo, consideramos de fundamental importância o contato de docentes em formação com alunos que possuam necessidades educacionais específicas para que se desconstrua a visão de medo ao ter o contato com esse aluno em sala, sabendo como ensinar de forma inclusiva, utilizando metodologias e currículos adequados para atender os estudantes com necessidade educacionais especiais. A vivência juntamente com a leitura da literatura sobre o assunto certamente torna os graduandos mais preparados para lidar com a heterogeneidade dos alunos em sala de aula.

## **CONCLUSÕES**

Pudemos perceber que apesar de se ter uma imagem de que a inclusão acontece por parte das professoras e do aluno a realidade mostra-se bastante contraditória, pois o discente em nenhum momento possuiu a oportunidade de ser participativo em sala de aula e a falta de metodologias adequadas foi um grande empecilho para o seu aprendizado. Também ficou evidente a falta de preparo formativo da professora de Biologia para trabalhar com esse aluno o que faz com que o conhecimento absorvido em sala de aula fique abaixo do esperado gerando então uma carga extra para a professora da sala de recursos que ao invés de ter que apenas auxiliar no aprendizado passa a ter a missão de ensinar o conteúdo que não foi compreendido pelo aluno em sala de aula. Essa falta de preparo pode ser explicada pela falta de formação adequada nesse quesito, o que demonstra a importância do contato de docentes em formação com alunos com deficiência, não que apenas esse



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

contato irá torná-los excelentes professores no contexto inclusivo, porém, essa vivência estimula os futuros professores a conhecer mais sobre o assunto, a perder o medo desse contato e na busca de ser um profissional mais bem capacitado tornando-se agente do processo de inclusão.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRASIL, **Conselho Nacional de Educação**. Câmara de Educação Básica. Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Resolução CNE/ CEB n.º 4, 2009.

\_\_\_\_\_. **Ministério da Educação e Cultura**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n.º 9394/96, Brasília Distrito Federal / MEC, 1996.

IBGE. **Censo Demográfico**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes ao Brasil, fornecidos em meio eletrônico, 2010.

LACERDA, C. B. F. de. **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência**. Cadernos Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago., 2006.

MALLMANN, F. M; CONTO, J. de; BAGAROLLO, M. F.; FRANÇA, D. M. V. R. **A inclusão do aluno surdo no ensino médio e ensino profissionalizante: um olhar para os discursos dos educadores**. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 20, n. 1, p. 131-146, Jan.-Mar., 2014.

NUNES, C. M. F. **Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira**. Educação & Sociedade, ano XXII, n.º 74, Abril/2001.

OLIVEIRA, A. A. S; CAMPOS, T. E. **Avaliação em Educação Especial: o ponto de vista do professor de alunos com deficiência**. Estudos em Avaliação Educacional, v. 16, n. 31, jan./jun. 2005.

RODRIGUES, D. **Dez ideias (mal) feitas sobre a Educação Inclusiva**. In: David Rodrigues (org.) Inclusão e Educação: doze olhares sobre a Educação Inclusiva. São Paulo. Summus Editorial, 2006.

SANT'ANA, I. M. **Educação inclusiva: concepções de professores e diretores**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 2, p. 227-234, mai./ago. 2005.